

Autocategorização racial e habilidades sociais em crianças brasileiras: uma avaliação multi-informante

LUCAS CORDEIRO FREITAS^I

SHEYLA CHRISTINE SANTOS FERNANDES^{II}

JONAS CAIO COSTA PORFÍRIO^{III}

<http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v15i46.3936>

Resumo

Este estudo objetivou identificar diferenças e semelhanças nas habilidades sociais de crianças de uma escola pública autodeclaradas negras e brancas. Participaram 72 alunos do ensino fundamental (42 autocategorizados como brancos e 30 como negros), bem como seus professores e pais. Foram utilizados dois instrumentos de autocategorização racial e três escalas do *Social Skills Rating System* (SSRS) para avaliar as habilidades sociais. Na amostra geral, as crianças negras relataram um repertório mais elaborado de empatia/afetividade e de assertividade. Por outro lado, crianças com tonalidades de pele mais claras relataram maior responsabilidade. Subgrupos diferenciados por raça e sexo também apresentaram diferenças em algumas habilidades sociais. Os resultados foram discutidos considerando a influência de variáveis pessoais e fatores contextuais.

Palavras-chave: habilidades sociais; raça; etnia; crianças; avaliação.

Submetido em: 13/05/2022

Aprovado em: 28/03/2023

^I Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei (MG), Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-3860-9327>; e-mail: lcordeirofreitas@ufsj.edu.br.

^{II} Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió (AL), Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-4759-1314>; e-mail: sheylna.fernandes@ip.ufal.br.

^{III} Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife (PE), Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-6811-1407>; e-mail: jonas.caio@ufpe.br.

Racial self-categorization and social skills in Brazilian children: a multi-informant assessment

Abstract

The aim of this study was to identify differences and similarities in the social skills of self-declared black and white children in a public school. Participated seventy-two elementary school students (42 self-categorized as white and 30 as black), as well as their teachers and parents. Two racial self-categorization instruments and three Social Skills Rating System (SSRS) scales were used to assess social skills. In the general sample, black children reported a more elaborate repertoire of empathy/affection and assertiveness. On the other hand, children with lighter skin tones reported greater responsibility. Subgroups differentiated by race and sex also showed differences in some social skills. The results were discussed considering the influence of personal variables and contextual factors.

Keywords: social skills; race; ethnicity; children; evaluation.

Autocategorización racial y habilidades sociales en niños brasileños: una evaluación de múltiples informantes

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo identificar diferencias y similitudes en las habilidades sociales de niños autodeclarados blancos y negros, en estudiantes de una escuela pública. Participaron 72 estudiantes, con una edad media de 10,83 años, 42 autocategorizados como blancos y 30 como negros. Sus maestros y padres también participaron como informantes. Los niños respondieron dos instrumentos de autocategorización racial y los tres informantes respondieron el instrumento *Social Skills Rating System* (SSRS) para evaluar las habilidades sociales. En la muestra general, los niños negros informaron un repertorio más elaborado de empatía/afecto y asertividad. Por otro lado, los niños con tonos de piel más claros reportaron un mayor repertorio de responsabilidades. Los subgrupos diferenciados por raza y sexo también mostraron diferencias en algunas habilidades sociales. Los resultados fueron discutidos considerando la influencia de variables personales y factores contextuales.

Palabras-clave: habilidades sociales; raza; etnia; niños; evaluación.

Introdução

As habilidades sociais são diferentes classes de comportamentos aprendidos e aprimorados ao longo da vida que contribuem para a competência social e para a qualidade das relações interpessoais (PRETTE; PRETTE, 2017). Essas habilidades possuem um caráter situacional-cultural, sendo sua aprendizagem e emissão dependentes de variáveis relacionadas às demandas da situação e aos valores, normas e regras da cultura (PRETTE; PRETTE, 2013).

Além das dimensões relacionadas à situação e à cultura, Prette e Prette (2018) salientam que a dimensão pessoal, constituída pelo próprio repertório do indivíduo e por características sociodemográficas, também deve ser considerada na análise das habilidades sociais. Nesse sentido, variáveis como idade, sexo, nível socioeconômico, raça, etnia e aparência pessoal, por exemplo, podem estar relacionadas a diferentes expectativas e normas estabelecidas pela cultura, que impactam na avaliação das habilidades sociais dos indivíduos (PRETTE; PRETTE, 2018). Não obstante, apesar de ser prevista teoricamente, a relação entre raça/etnia e o repertório de habilidades sociais de crianças foi abordada por poucos estudos empíricos no campo das Habilidades Sociais, que serão descritos a seguir.

Entretanto, antes de descrever os estudos encontrados na literatura relativos às habilidades sociais, torna-se primordial ponderar que os conceitos de raça e etnia possuem definições diversas que são, por vezes, sobrepostas em diferentes campos do conhecimento como a Biologia, a Sociologia e a Psicologia (CUNHA; SANTOS, 2014; GUIMARÃES, 2003; MUNANGA, 2004). No Brasil, atualmente a autodeclaração de raça ou cor da população tem sido realizada regularmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), utilizando cinco categorias de resposta: branca, preta, amarela, parda ou indígena (IBGE, 2019). Não ignorando a multiplicidade de categorias possíveis, Osório (2013, p. 95) aponta que o sistema de classificação racial do IBGE tem se mostrado adequado “pois a população em geral sabe qual é seu enquadramento, definido principalmente pela cor da pele, e a maioria usa uma das categorias do Instituto espontaneamente para se classificar”. Tendo em vista que há uma diversidade de definições referentes às noções de raça e que no Brasil a autodeclaração racial tem sido efetuada basicamente com base em uma classificação da cor de pele, o estudo empírico que será apresentado neste artigo utilizará os termos raça e cor da pele indistintamente e considerará as definições

adotadas nos instrumentos de medida utilizados. Em contrapartida, com relação à descrição dos estudos internacionais sobre essa temática, serão preservadas as classificações de raça ou etnia adotadas pelos autores, uma vez que em alguns países são utilizadas categorias mais amplas que não se restringem à raça ou cor da pele dos participantes.

Em alguns estudos encontrados na literatura internacional, além das relações entre raça ou etnia e o repertório de habilidades sociais de crianças, foram também analisadas, conjuntamente, uma série de outras variáveis na sua associação com o repertório social, como desempenho acadêmico, renda da família, sexo das crianças e raça ou etnia dos professores. Por exemplo, no estudo de Pigott e Cowen (2000), as crianças afro-americanas foram julgadas por grupos de professores brancos e negros como tendo problemas mais sérios de ajuste escolar, menores competências, maior frequência de comportamentos negativamente estereotipados e pior prognóstico educacional do que as crianças brancas. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas entre crianças brancas e negras em subescalas específicas relacionadas às habilidades sociais assertivas e habilidades sociais com grupo de pares (PIGOTT; COWEN, 2000).

O estudo de Iruka, Winn, Kingsley e Orthodoxou (2011) também não encontrou diferenças significativas entre crianças caucasianas, afro-americanas e latinas com relação às habilidades sociais, avaliadas por pais e professores. Não obstante, quando pais e professores relataram ter um relacionamento sólido entre eles, as crianças afro-americanas foram mais propensas a serem classificadas como mais socialmente competentes e menos agressivas do que as crianças caucasianas. Com relação à variável renda, as crianças de famílias de renda mais alta foram avaliadas por seus professores como mais socialmente competentes e menos agressivas e também avaliadas por seus pais como menos agressivas, em comparação às crianças de famílias com renda mais baixa (IRUKA; WINN; KINGSLEY; ORTHODOXOU, 2011).

Em uma pesquisa comparando indicadores de saúde e de desenvolvimento em pré-escolares de três grupos étnico-raciais (LANDALE; LANZA; HILLEMEIER; OROPESA, 2013), foi encontrado que as crianças mexicanas possuem maior probabilidade do que crianças brancas e negras de apresentarem um estado de saúde caracterizado por problemas de desenvolvimento, incluindo baixa realização cognitiva e baixas habilidades sociais. Na mesma direção, o estudo de Heyman,

Poulakos, Upshur e Wenz-Gross (2018) analisou as diferenças nas avaliações de pais e professores com relação às habilidades sociais de pré-escolares de baixa renda, em três grupos de crianças diferenciadas pela raça/etnia: negras, brancas e hispânicas. Foram encontradas diferenças nas avaliações de pais e professores, sendo que os pais relataram maior frequência de habilidades sociais das crianças para os três grupos considerados. No entanto, em uma análise de regressão, apenas a categoria hispânica mostrou-se preditora da diferença entre avaliadores para as habilidades sociais de cooperação (HEYMAN; POULAKOS; UPSHUR; WENZ-GROSS, 2018).

Analisando dados de um estudo longitudinal, Downey, Workman e Hippel (2019) encontraram disparidades entre negros e brancos e disparidades relacionadas à renda, nas habilidades sociais e comportamentais avaliadas por professores no início do jardim de infância. Entretanto, essas diferenças aumentaram pouco entre o jardim de infância e o final da segunda série e permaneceram consistentes durante os períodos de ano letivo e de férias escolares (DOWNEY; WORKMAN; HIPPEL, 2019).

Em uma comparação da interação social durante brincadeiras de pré-escolares anglo-americanos e coreanos imigrantes, foram encontradas diferenças entre os dois grupos em medidas de observação de comportamento e de relato por pais, professores e pares (FARVER; KIM; LEE, 1995). As crianças anglo-americanas apresentaram maior frequência de comportamentos relacionados a brincadeiras, porém apresentaram comportamentos de interação mais negativos e agressivos. As crianças coreanas, por sua vez, apresentaram menor frequência de comportamentos relacionados a brincadeiras, mas ofereciam objetos para iniciar a interação mais frequentemente e foram mais cooperativas (FARVER; KIM; LEE, 1995).

Contando com apenas com crianças afro-americanas de uma escola pública, Cartledge, Adedapo e Johnson (1998), encontraram diferenças nas habilidades sociais entre meninos e meninas na avaliação dos professores, sendo as meninas avaliadas como mais socialmente habilidosas e com menor frequência de problemas de comportamento. Outro estudo conduzido somente com crianças afro-americanas de baixa renda (HUMPHRIES; KEENAN; WAKSCHLAG, 2012), demonstrou que as crianças que foram mais prossociais com seus pares, mais engajadas em estratégias positivas de enfrentamento e mais assertivas, apresentaram maior propensão a serem classificadas por seus professores como tendo um melhor funcionamento psicológico, acadêmico e social global.

Nesse conjunto de estudos revisados, que foram realizados essencialmente no contexto internacional, nota-se que não há homogeneidade com relação aos achados que associaram as habilidades sociais às variáveis raça ou etnia. Em alguns estudos, a população de crianças negras, hispânicas e asiáticas apresentaram desvantagens em algumas dimensões de habilidades sociais e competência social, mas apresentaram vantagens em outras. Por outro lado, há estudos que apontaram não haver diferenças no repertório social de crianças de diferentes subgrupos étnicos e/ou raciais. Cabe destacar ainda que, em alguns desses estudos, a análise das habilidades e competências sociais das crianças de diferentes subgrupos raciais foi considerada no contexto da associação com outras variáveis que remetem a condições socioeconômicas, de gênero e características pessoais dos professores.

No contexto brasileiro, a partir da revisão da literatura realizada pelos autores, não foram encontradas pesquisas empíricas associando diretamente as habilidades sociais de crianças às variáveis raça e/ou etnia. Tendo em vista essa lacuna de conhecimento, o objetivo geral desse estudo foi verificar as relações entre a autocategorização racial de crianças e o repertório de habilidades sociais, avaliado pelos estudantes, professores e pais. Como objetivos específicos, buscou-se: (1) identificar diferenças e semelhanças no repertório de habilidades sociais de crianças autodeclaradas negras e brancas; (2) verificar as correlações entre a autocategorização de tonalidade da pele e as habilidades sociais das crianças; (3) identificar diferenças e semelhanças nas habilidades sociais em subgrupos de meninos e meninas, diferenciados por raça.

Método

Participantes

Contou-se com uma amostra não-probabilística acidental, sem utilização de cálculo amostral. Inicialmente, foram contatados, por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), os pais de estudantes de seis turmas do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Maceió, sendo uma turma do 3º ano, três turmas do 4º ano e duas turmas do 5º ano. Com base na taxa de devolução dos TCLEs assinados pelos responsáveis, participaram do estudo 72 alunos de ambos os sexos, bem como seus professores e pais. Metade das crianças foi do sexo masculino e a outra metade, do sexo feminino. A idade das crianças variou entre 9 a 14 anos, com uma média de 10,83 (d.p.= 0,993), concentrando-se, a grande

maioria, entre as idades de 10, 11 e 12 anos (91,6%). Com relação à série, as crianças do quarto ano foram a maioria da amostra (N=40), seguidas por crianças do quinto (N=18) e do terceiro anos (N=14). Quanto à cor da pele, 42 crianças se autocategorizaram como brancas e 30 como negras, com base em um instrumento composto por fotos de outras crianças (FRANÇA; MONTEIRO, 2002), que será descrito adiante. Enquanto informantes, os professores avaliaram as habilidades sociais e os problemas de comportamento de 72 crianças da amostra e os pais de 13 crianças avaliaram o repertório social de seus filhos.

Instrumentos

As crianças responderam a três instrumentos de medida: a Escala de autocategorização de tonalidades de cor da pele (VRIJDAGS; FERNANDES, 2017), uma autocategorização de cor por meio da identificação de fotografias de outras crianças (FRANÇA; MONTEIRO, 2002) e o Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica (SSRS) (GRESHAM; ELLIOTT; PRETTE; FREITAS; BANDEIRA; PRETTE, 2016). Os pais e os professores responderam somente aos formulários específicos do SSRS.

Instrumentos de categorização da cor da pele

Foram utilizados dois instrumentos para reter a categorização da cor da pele das crianças. O primeiro consiste em uma escala de tons de pele de 7 pontos, variando do tom mais claro ao tom mais escuro (VRIJDAGS; FERNANDES, 2017). Este instrumento fornece uma escala de cores em que a criança é solicitada a dizer qual tom ela atribui a sua própria pele. O segundo instrumento consiste na autocategorização da cor através da identificação de fotografias de crianças brancas, morenas e negras de ambos os sexos. As fotografias utilizadas foram validadas por França e Monteiro (2002), sendo recolhidas para esse estudo apenas quatro, considerando a cor da pele branca vs. negra e o gênero feminino vs. masculino. Assim, as meninas selecionavam a cor da criança da fotografia de gênero feminino que mais assemelhavam à sua cor de pele e os meninos faziam o mesmo com as fotografias de gênero masculino.

Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica (SSRS)

Para a avaliação do repertório social das crianças, foi utilizada a nova versão brasileira do SSRS (*Social Skills Rating System*) (GRESHAM; ELLIOTT; PRETTE; FREITAS; BANDEIRA; PRETTE, 2016). Este inventário avalia as habilidades sociais, os problemas de comportamento e a competência acadêmica de crianças do ensino fundamental, por meio de três questionários, dirigidos aos pais, aos próprios estudantes e aos professores. No presente estudo, foram utilizados apenas os indicadores de habilidades sociais obtidos a partir da avaliação dos três informantes. As habilidades sociais são avaliadas por uma escala do tipo Likert de três pontos, sendo 0= nunca, 1= algumas vezes e 2= muito frequente.

A primeira versão das escalas brasileiras do SSRS apresentou bons índices psicométricas em termos de validade de construto, validade de critério, validade concorrente, relação com variáveis desenvolvimentais e socioeconômicas, validade preditiva, validade experimental, estabilidade temporal e confiabilidade (GRESHAM; ELLIOTT; PRETTE; FREITAS; BANDEIRA; PRETTE, 2016). A validação da segunda versão brasileira das escalas foi realizada por meio de análises fatoriais exploratórias e confirmatórias, bem como do estudo de sua confiabilidade (GRESHAM; ELLIOTT; PRETTE; FREITAS; BANDEIRA; PRETTE, 2016).

Procedimentos

O presente artigo derivou de um projeto mais amplo, que foi submetido ao comitê de ética da instituição. Os pais assinaram um termo de consentimento informado, formalizando a participação de seus filhos na pesquisa. As crianças assinaram um termo de assentimento livre e esclarecido. Além disso, no momento da coleta de dados com os pais e professores, estes também assinaram um termo de consentimento informado, autorizando voluntariamente a sua própria participação.

As aplicações do SSRS com as crianças foram executadas em grupo ou individualmente, dependendo da idade das crianças. Nas aplicações em grupo com crianças mais velhas, todos os itens dos instrumentos eram lidos na frente da classe, deixando um tempo determinado para que os alunos respondessem a cada um deles. Além disso, foi esclarecido que os respondentes podiam perguntar sobre qualquer item que tivesse suscitado alguma dúvida. As aplicações individuais dos instrumentos foram feitas com as crianças mais novas na biblioteca da escola. Nesse tipo de aplicação, todos os itens eram lidos para a criança individualmente, sendo qualquer dúvida sanada no momento.

Em um outro momento, a aplicação dos dois instrumentos de autocategorização da cor foi realizada de forma individual na biblioteca da escola, para as crianças de todas as idades. Assim, as instruções eram lidas para as crianças e, após questionadas se haviam compreendido, as crianças apontavam com qual cor mais se identificavam.

As aplicações do SSRS aos pais foram realizadas de forma individualizada ou grupal. Foram marcadas três reuniões, no total, para aplicação dos instrumentos, no horário em que os pais deixavam os filhos na escola. Inicialmente, perguntou-se aos pais qual modalidade eles prefeririam, individual ou em grupal. Após essa etapa, todos os itens do instrumento foram lidos e todas as dúvidas sobre eles, sanadas. Em relação à aplicação do SSRS com os professores, foram fornecidas instruções de resposta ao instrumento, todos os participantes levaram os inventários para casa e tiveram uma média de quinze dias para devolvê-los preenchidos.

Análise dos dados

Para a análise dos dados, foi utilizado o programa *Social Package for Social Sciences* (SPSS) versão 20. No que se refere às análises estatísticas preliminares, foram realizadas as análises de normalidade por meio do teste *Kolmogorov-Smirnov Z*.

Para realizar comparações entre grupos de crianças brancas e negras - a partir do instrumento com fotografias de França e Monteiro (2002) - bem como comparações entre grupos de meninos e meninas foram utilizados os testes *t* de *Student*, para os dados com distribuição normal e o de *Mann-Whitney*, para os dados com distribuição não-normal. Para analisar as correlações entre a gradação da cor da pele obtidas por meio do instrumento de Vrijdags e Fernandes (2017) e as habilidades sociais medidas pelo SSRS, foram utilizados os testes *r* de *Pearson*, para os dados com distribuição normal e o *p* de *Spearman*, para os dados com distribuição não-normal. Foi adotado como nível de significância um valor de $p < 0,05$.

Finalmente, calculou-se o tamanho do efeito das diferenças entre grupos a partir do *d* de Cohen (LENHARD; LENHARD, 2016). Um tamanho de efeito moderado a grande ($d > 0,5$) sugere a possibilidade de existência de efeito, mesmo na ausência de significância estatística (FRITZ; MORRIS; RICHLER, 2012). Considerando que a significância estatística é diretamente dependente do tamanho da amostra e que a mesma foi pequena para algumas análises desse estudo, optou-se pela aplicação do tamanho do efeito para complementação das análises estatísticas. Ressalta-se, ainda, que a avaliação dos pais foi analisada apenas para os dados da amostra

geral, não tendo sido considerada nas análises de subgrupos de crianças diferenciadas por sexo e raça, em função do número reduzido de participantes em cada subgrupo.

Resultados

Análise de normalidade

A análise de normalidade indicou que os escores globais dos instrumentos de habilidades sociais atenderam aos critérios de normalidade: escores globais de habilidades sociais na avaliação das crianças ($z = 0,77$; $p = 0,59$), professores ($z = 0,47$ e $p = 0,98$) e pais ($z = 0,44$ e $p = 0,99$).

Habilidades sociais e raça na amostra geral

Para a amostra geral do estudo, nos resultados da comparação entre crianças brancas e negras, observaram-se diferenças estatisticamente significativas nas subescalas de empatia/afetividade e assertividade, avaliadas pelas crianças, conforme apresentado na Tabela 1. As crianças negras se autoavaliaram com um melhor repertório de empatia e assertividade, em comparação às crianças brancas.

Tabela 1 - Valores t , nível de significância, diferença média, intervalo de confiança superior e inferior em um nível de 95% e tamanho de efeito das comparações em habilidades sociais entre crianças brancas e negras, avaliadas por professores, pais e estudantes

Variável	t	Valor p	DM	EP	IC 95%	d
Professor HS Global	-,26	,79	-,661	2,51	-5,67 - 4,34	-,06
Responsabilidade	,34	,73	,271	,79	-1,32 - 1,86	,08
Autocontrole	-,05	,96	-,057	1,21	-2,47 - 2,35	-,01
Assertividade	-,83	,40	-,514	,61	-1,74 - ,715	-,20
Cooperação	-,79	,43	-,361	,45	-1,27 - ,552	,19
Pais HS Global	-1,18	,26	-8,000	6,73	-22,82 - 6,82	-,29
Reponsabilidade	-,63	,539	-1,083	1,70	-4,84 - 2,67	-,15
Autocontrole	-1,05	,314	-2,03	1,920	-6,25 - 2,19	-,25
Desenvoltura	-2,16	,053	-3,16	1,460	-6,38 - ,048	-,52
Civilidade	-,93	,371	-1,250	1,340	-4,20 - 1,70	-,22
Reponsabilidade	-,41	,689	-,472	1,15	-3,00 - 2,05	-,1
Estudantes HS Global	-1,77	,080	-2,390	1,34	-5,07 - ,29	-,43
Empatia/Afetividade	-2,16	,034*	-1,052	,48	-2,02 - ,08	-,52
Responsabilidade	-,24	,812	-,114	,47	-1,06 - ,83	-,06
Autocontrole	-,63	,533	-,414	,66	-1,73 - ,90	-,15
Assertividade	-2,19	,032*	-,809	,37	-1,54 - ,07	-,53

* $p < 0,05$

Fonte: Os autores (2022).

Em relação ao tamanho do efeito, todos os resultados apontaram para um efeito pequeno, com exceção de empatia/afetividade ($t = -2,16$, $p = ,034$ e $d = -0,52$) e assertividade ($t = -2,19$, $p = ,032$ e $d = -0,53$) na avaliação das crianças, e desenvoltura social ($t = -2,17$, $p = 0,05$ e $d = -0,52$) na avaliação dos pais, que apresentaram um efeito moderado. Esses resultados sugerem que as crianças negras se autoavaliaram como mais empáticas e assertivas e que seus pais as avaliaram como mais desenvoltas, em comparação às crianças brancas.

Ainda considerando a amostra geral, nas análises de correlação entre a cor auto identificada, considerando a escala de cor de pele, e as habilidades sociais, observou-se uma correlação negativa significativa apenas entre cor da pele e a subescala de Responsabilidade na avaliação das crianças ($r = -0,28$ e $p = 0,01$). Dessa forma, quanto mais clara a tonalidade da pele, maior foi o repertório de responsabilidade autorrelatado. Considerando o nível de significância adotado ($p < 0,05$), as correlações com as outras subescalas e com as avaliações dos outros informantes não foram estatisticamente significativas (Versão SSRS professor: r entre $-0,17$ e $0,03$; Versão SSRS pais: r entre $-0,09$ e $0,38$).

Relações entre habilidades sociais e raça em meninas

Na comparação de habilidades sociais entre meninas brancas e meninas negras, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas nos escores globais e fatoriais, considerando os três informantes ($p > 0,05$). Em relação ao tamanho do efeito, observou-se um efeito pequeno em todas as comparações realizadas ($d < 0,5$). Esses resultados estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 - Valores U , significância estatística e tamanho do efeito das comparações em habilidades sociais gerais e subescalas entre meninas brancas e meninas negras, na avaliação dos professores e estudantes

Variável	U	Valor p	d
Professores HS Global	148,50	,86	,06
Responsabilidade	124,00	,32	,33
Autocontrole	143,00	,72	,12
Assertividade	135,00	,53	,20
Cooperação	149,50	,88	,05
Estudantes HS Global	139,50	,64	,15

Continua

			Conclusão
Empatia/Afetividade	129,50	,42	,26
Responsabilidade	120,50	,26	,37
Autocontrole	149,50	,88	,05
Assertividade	110,50	,15	,48

Fonte: Os autores (2022).

Na análise da associação entre a cor da pele auto identificada por meio da escala e as habilidades sociais em meninas, na qual foi observada uma associação significativa negativa moderada apenas entre a tonalidade da pele e a subescala de responsabilidade ($\rho = -0,45$ e $p = ,006$), avaliada pelas crianças. Sendo assim, quanto mais clara a tonalidade da pele, maior foi o repertório de responsabilidade autorrelatado pelas meninas. Considerando o nível de significância adotado ($p < 0,05$), as correlações com as outras subescalas e com as avaliações dos outros informantes não foram estatisticamente significativas (Versão SSRS professor: ρ entre $-0,18$ e $0,03$; Versão SSRS pais: ρ entre $-,26$ e $-,57$).

Relações entre habilidades sociais e raça em meninos

Nas comparações de habilidades sociais entre meninos brancos e negros, apresentadas na Tabela 3, observou-se uma diferença estatisticamente significativa somente nas habilidades sociais globais ($U = 91,00$; $p = 0,03$ e $d = 0,79$), avaliada pelos próprios alunos. Os meninos negros relataram possuir um melhor repertório global de habilidades sociais, em comparação aos meninos brancos.

Em relação ao tamanho do efeito, nos escores de habilidades sociais globais ($d = 0,79$), Empatia ($d = 0,68$), Responsabilidade ($d = 0,55$) e Assertividade ($d = 0,60$) avaliada pelas crianças, observou-se um efeito moderado, sugerindo que meninos negros se consideram mais socialmente habilidosos do que os meninos brancos.

Tabela 3 - Valores U , significância estatística e tamanho de efeito das comparações em habilidades sociais gerais e subescalas entre meninos brancos e meninos negros, na avaliação dos professores e estudantes

Variável	U	Valor p	d
Professores HS Global	147,50	,76	,13
Responsabilidade	151,00	,687	,09
Autocontrole	140,50	,77	,21

Continua

			Conclusão
Assertividade	126,00	,53	,36
Cooperação	139,50	,27	,22
Estudantes HS Global	91,00	,03*	,78
Empatia	99,00	,05	,68
Responsabilidade	109,50	,10	,55
Autocontrole	132,50	,38	,29
Assertividade	105,50	,07	,60

* $p < 0,05$.

Fonte: Os autores (2022).

Na análise da associação entre as habilidades sociais e a cor da pele medida por meio da escala observou-se uma correlação estatisticamente significativa positiva moderada somente entre o tom da pele e a subescala de assertividade avaliada pelos próprios alunos ($\rho = 0,43$ e $p = 0,009$). Assim, quanto mais escura a tonalidade da pele, maior foi a frequência de assertividade autorrelatada. Considerando o nível de significância adotado ($p < 0,05$), as correlações com as outras subescalas e com as avaliações dos outros informantes não foram estatisticamente significativas (Versão SSRS professor: ρ entre -0,30 e 0,12; Versão SSRS pais: ρ entre 0,23 e 0,60).

Discussão

O conjunto de resultados deste estudo demonstrou que os grupos de crianças diferenciados por raça e cor da pele apresentaram mais semelhanças do que diferenças no repertório de habilidades sociais, considerando todas as classes de habilidades sociais avaliadas e os três informantes: crianças, pais e professores. Houve diferenças estatisticamente significativas em algumas habilidades específicas somente na autoavaliação das crianças, sendo que a avaliação das habilidades sociais por pais e professores não foi possível evidenciar qualquer relação significativa com as variáveis raça e cor da pele, do ponto de vista da significância estatística. Foi encontrada apenas uma tendência de tamanho de efeito na avaliação dos pais, em uma subescala de habilidades sociais.

Possivelmente, a configuração da amostra não tenha permitido uma variabilidade que implicasse em diferenças significativas nas habilidades sociais, sob a perspectiva de pais e professores. Os resultados descritos nessa investigação foram coletados junto a crianças de uma escola pública que, apesar de cursarem três séries distintas do ensino fundamental no período da coleta de dados (entre o 3º e o 5º anos), mais de 90% dos participantes se situavam em um eixo etário muito próximo, entre 10 e 12 anos de idade. Prette e Prette (2002) referem que, em termos de padrões normativos, resultados dessa ordem podem ser derivados da homogeneidade da amostra, sendo relevante considerar cautelosamente essas associações.

Considerando os dados da amostra geral, as crianças negras relataram possuir um repertório mais elaborado de habilidades de empatia/afetividade e assertividade. Além disso, houve uma tendência de diferença na avaliação dos pais na subescala de desenvoltura, favorecendo também as crianças negras. Por outro lado, crianças com tonalidades de pele mais claras relataram melhor repertório de habilidades de responsabilidade.

É muito frequente o levantamento de questões sobre as habilidades socioemocionais das crianças negras, sobretudo na adolescência, em função das taxas elevadas de problemas de adaptação escolar (PIGOTT; COWEN, 2000). As baixas condições socioeconômicas associadas a práticas equivocadas de educação repercutem severamente no desenvolvimento de competências nesse âmbito (BARBARIN, 2013). Além disso, é possível encontrar uma discrepância entre as avaliações das competências de crianças negras realizadas por pais e professores (BARBARIN *et al.*, 2008). Enquanto os pais avaliam as crianças mais favoravelmente, os professores tendem a seguir um percurso oposto, sugerindo que há uma perspectiva enviesada por parte dos professores. Uma das hipóteses sugere que o preconceito poderia estar na base de uma interação professor-aluno mal sucedida, o que acarretaria numa animosidade mútua. Os achados de Barbarin (2013) destacaram que os professores não mantêm uma relação tão próxima com as crianças negras como mantêm com as crianças brancas. Essa relativa falta de proximidade pode ser concebida como um obstáculo para um julgamento apropriado e sensível das habilidades das crianças negras.

Cabe ressaltar que, nos resultados obtidos com a amostra geral, embora seja uma diferença sutil, os alunos negros reportaram avaliações mais favoráveis que os alunos brancos. Inicialmente, esse resultado pode parecer surpreendente na medida

em que as evidências encontradas sobre a interação entre habilidades sociais e raça ou etnia, em sua maior parte, favorecem as crianças brancas em detrimento das negras ou latinas (BARBARIN, 2013; DOWNEY; WORKMAN; HIPPEL, 2019; HEYMAN; POULAKOS; UPSHUR; WENZ-GROSS, 2018; LANDALE; LANZA; HILLEMEIER; OROPESA, 2013; RASHEED; BROWN; DOYLE; JENNINGS, 2020). No entanto, cabe destacar que a revisão de estudos sobre essa temática também apontou para a existência de pesquisas que não encontraram diferenças significativas entre crianças brancas, negras e latinas em medidas específicas de habilidades sociais (IRUKA; WINN; KINGSLEY; ORTHODOXOU, 2011; PIGOTT; COWEN, 2000).

Há um corpo de evidências na literatura que sugere que as crianças negras e latinas são percebidas como menos socioemocionalmente competentes quando comparadas com as crianças brancas e esse dado estaria articulado à etnia do professor (BATES; GLICK, 2013). A não congruência da etnia do professor com a etnia dos alunos providencia uma análise estereotipada dos alunos que pode vir a prejudicar os manejos da relação entre docente e discentes em sala de aula. Certamente, o nível de interação em sala alcançado em função da cor da pele pode representar um impacto não apenas na forma como as crianças se percebem, mas também no desenvolvimento dos repertórios comportamentais das crianças, refletindo em avaliações positivas ou negativas (RASHEED; BROWN; DOYLE; JENNINGS, 2020).

Neste sentido, não é possível, a partir dos resultados obtidos no presente estudo, remeter a avaliação mais positiva das crianças negras à raça ou etnia do professor, visto que os docentes não tomaram parte do estudo enquanto avaliados, mas enquanto avaliadores. Outro ponto que merece destaque é a auto classificação racial proferida pelas crianças. Em um estudo sobre identidade racial, França e Monteiro (2002) demonstraram que, independentemente da faixa etária e da cor da pele, as crianças preferem a cor da pele branca, fazendo com que ocorra uma rejeição da pertença racial de crianças negras ao seu próprio grupo, contingência que não acomete as crianças brancas. Assim, é possível supor que o autorrelato da cor da pele, estratificado de forma dicotômica (branco x negro), não se constitua como a medida mais adequada. Observa-se que a utilização da escala de tonalidades de cor da pele, que contém mais alternativas de resposta, apresentou um resultado mais consistente com a maior parte da literatura.

Analisando separadamente grupos de meninos e meninas, notou-se que as meninas com tonalidades de pele mais claras relataram maior frequência de habilidades de responsabilidade. Os meninos auto identificados com tonalidades de pele mais escuras, por sua vez, relataram maior frequência de assertividade. Além disso, os meninos negros relataram maior frequência de habilidades sociais gerais, em comparação aos meninos brancos, e apresentaram uma tendência de maior efeito nas subescalas de empatia, responsabilidade e assertividade.

No que pese o papel da cor da pele no repertório de habilidades sociais, a estratificação por gênero é abundantemente investigada (BANDEIRA; ROCHA; FREITAS; PRETTE; PRETTE, 2006). As preferências do contato social por meio das brincadeiras típicas a cada gênero são potentes estímulos a partir dos quais as competências podem ser desenvolvidas. De acordo com Wang e Sui (2019), o desempenho inferior em certas habilidades pode ser devido a experiências de aprendizagem insuficientes e isso não teria relação direta com fatores relacionados à classe social ou à cultura das crianças. Estudos futuros necessitam aprofundar esses achados para identificar com maior clareza o papel relativo de variáveis como, por exemplo, raça, etnia, qualidade da interação professor-aluno e práticas educativas parentais no desenvolvimento das habilidades sociais.

De forma geral, as crianças necessitam aprender diferentes competências sociais que lhes assegurem desenvolver-se de forma saudável, uma vez que o ajuste ao seu ambiente social e o sucesso na vida adulta dependem desse processo de aprendizagem. As preocupações com as dificuldades enfrentadas pelas crianças negras na escola e na comunidade em geral levam a questionamentos sobre a amplitude das competências sociais aprendidas na infância (BARBARIN, 2013; RIBEIRO; SANTOS, 2017). Nesse cenário, pode-se concluir que os esforços empregados para se investigar a influência de variáveis socioculturais e demográficas sobre o desenvolvimento das habilidades sociais deve considerar o peso de categorias interseccionais como classe socioeconômica, região, raça e cor da pele, especialmente em contextos adversos. A análise contextual de um amplo conjunto de fatores que se relacionam à aprendizagem social pode ser considerada como fundamental para o conhecimento de dificuldades específicas de cada grupo social, bem como para se delinear estratégias de prevenção e intervenção voltadas para a superação de adversidades. Entende-se que pesquisas nessa direção são

extremamente relevantes no sentido de abarcar a lacuna de conhecimento existente sobre essa temática no Brasil.

Não obstante as contribuições do presente estudo para a compreensão da temática abordada, pesquisas futuras são necessárias considerando a composição de uma amostra maior e mais heterogeneidade em termos de autoidentificação étnica ou racial (englobando também grupos que não participaram deste estudo, como crianças indígenas e asiáticas), assim como uma maior variabilidade na representação socioeconômica e geográfica dos participantes. A identificação do peso relativo de cada uma dessas variáveis e da interação entre elas pode ser relevante para o levantamento dos fatores socioculturais mais amplos que influenciam a aprendizagem das habilidades sociais na infância devendo, portanto, ser foco de estudos futuros no contexto brasileiro.

Referências

- BANDEIRA, M.; ROCHA, S. S.; FREITAS, L. C.; PRETTE, Z. A. P. del; PRETTE, A. del. Habilidades sociais e variáveis sociodemográficas em estudantes do ensino fundamental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, PR, v. 11, n. 3, p. 541-549, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/mFXW99j4jxFJprtZNMxPP7D/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- BARBARIN, O. A longitudinal examination of socioemotional learning in african american and latino boys across the transition from pre-k to kindergarten. *American Journal of Orthopsychiatry*, Menasha, v. 83, n. 2-3, p. 156-164, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1111/ajop.12024>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1111%2Fajop.12024>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- BARBARIN, O. *et al.* Parental conceptions of school readiness: relation to ethnicity, socioeconomic status, and children's skills. *Early Education and Development*, [S. l.], v. 19, n. 5, p. 671-701, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/10409280802375257>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10409280802375257>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- BATES, L. A.; GLICK, J. E. Does it matter if teachers and schools match the student? Racial and ethnic disparities in problem behaviors. *Social Science Research*, New York, v. 42, n. 5, p. 1180-1190, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2013.04.005>. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0049089X13000653>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- CARTLEDGE, G.; ADEAPO, V.; JOHNSON, C. T. Teacher and parent assessments of the social competence of inner-city children: issues of gender within race. *The Journal of Negro Education*, Washington, DC, v. 67, n. 2, p. 115-126, 1998. DOI: <https://doi.org/10.2307/2668222>. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2668222?origin=crossref&seq=1>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- CUNHA, R. R. T. da; SANTOS, A. de O. dos. Anielá Meyer Ginsberg e os estudos de raça/etnia e intercultura no Brasil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 317-329, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-656420130013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/SQ3VxwGqapb6SpPPVBNXr6C/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- DOWNEY, D. B.; WORKMAN, J.; HIPPEL, P. von. Socioeconomic, ethnic, racial, and gender gaps in children's social/behavioral skills: do they grow faster in school or out?. *Sociological Science*, [S. l.], v. 6, p. 446-466, 2019. Disponível em: <https://sociologicalscience.com/articles-v6-17-446/>. Acesso em: 28 abr. 2022.
- FARVER, J. A. M.; KIM, Y. K.; LEE, Y. Cultural differences in korean- and anglo-american preschoolers' social interaction and play behaviors. *Child Development*, Chicago, v. 66, n. 4, p. 1088-1099, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/1131800>.

Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1131800?origin=crossref>. Acesso em: 28 abr. 2022.

FRANÇA, D. X.; MONTEIRO, M. B. Identidade racial e preferência em crianças brasileiras de cinco a dez anos. *Psicologia*, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 293-323, 2014. DOI: <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v16i2.482>. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/482>. Acesso em: 28 abr. 2022.

FRITZ, C. O.; MORRIS, P. E.; RICHLER, J. J. Effect size estimates: current use, calculations, and interpretation. *Journal of Experimental Psychology: General*, Washington, DC, v. 141, n. 1, p. 2-18, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0024338>. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2Fa0024338>. Acesso em: 28 abr. 2022.

GRESHAM, F. M.; ELLIOTT, S. N.; PRETTE, Z. A. P. del; FREITAS, L. C.; BANDEIRA, M.; PRETTE, A. del. *SSRS: inventário de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica para crianças: manual técnico*. São Paulo: Pearson, 2016.

GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S151797022003000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DYxSGJgkwVyFJ8jft8wxWxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 abr. 2022.

HEYMAN, M.; POULAKOS, A.; UPSHUR, C.; WENZ-GROSS, M. Discrepancies in parent and teacher ratings of low-income preschooler's social skills. *Early Child Development and Care*, Londres, v. 188, n. 6, p. 759-773, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/03004430.2016.1236257>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03004430.2016.1236257>. Acesso em: 28 abr. 2022.

HUMPHRIES, M. L.; KEENAN, K.; WAKSCHLAG, L. S. Teacher and observer ratings of young african american children's social and emotional competence: ratings of african american competence. *Psychology in the Schools*, Brandon, v. 49, n. 4, p. 311-327, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1002/pits.21604>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pits.21604>. Acesso em: 28 abr. 2022.

IBGE. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2008*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

IBGE. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2019*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IRUKA, I. U.; WINN, D. M.C.; KINGSLEY, S. J.; ORTHODOXOU, Y. J. Links between parent-teacher relationships and kindergartners' social skills: do child ethnicity and family income matter?. *The Elementary School Journal*, [S. l.], v. 111, n. 3, p. 387-408, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/657652>. Acesso em: 28 abr. 2022.

LANDALE, N.; LANZA, S.; HILLEMEIER, M.; OROPESA, R. S. Health and development among mexican, black and white preschool children: an integrative approach using latent class analysis. *Demographic Research*, [S. l.], v. 28, p. 1302-1338, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4054/DemRes.2013.28.44>. Disponível em: <https://www.demographic-research.org/volumes/vol28/44/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

LENHARD, W.; LENHARD, A. Computation of effect sizes. *Psychometrica*, [S. l.], 2016. Disponível em: http://www.psychometrica.de/effect_size.html. Acesso em: 28 abr. 2022.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 3., 2003, Rio de Janeiro. *Trabalhos apresentados [...]*. Rio de Janeiro: PENESB, 2003. p. 1-17. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 28 abril, 2022.

OSÓRIO, R. G. A classificação de cor ou raça do IBGE revisitada. In: PETRUCCELLI, J. L.; SABOIA, A. L. (ed.). *Características étnico-raciais da população: classificações e identidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. p. 83-99.

PIGOTT, R. L.; COWEN, E. L. Teacher race, child race, racial congruence, and teacher ratings of children's school adjustment. *Journal of School Psychology*, New York, v. 38, n. 2, p. 177-195, 2000. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0022-4405\(99\)00041-2](https://doi.org/10.1016/S0022-4405(99)00041-2). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022440599000412?via%3Dihub>. Acesso em: 28 abr. 2022.

PRETTE, A. del; PRETTE, Z. A. P. del. *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PRETTE, Z. A. P. del. *Inventário de habilidades sociais, problemas de comportamento e competência acadêmica para crianças*. São Paulo: Pearson Clinical, 2017.

PRETTE, Z. A. P. del; PRETTE, A. del. Avaliação de habilidades sociais de crianças com um inventário multimídia: indicadores sociométricos associados a frequência versus dificuldade. *Psicologia em Estudo*, Maringá, PR, v. 7, n. 1, p. 39-49, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/WtMHRtGHMPvV5wWKbJDmmDb/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2022.

PRETTE, Z. A. P. del; PRETTE, A. del. *Psicologia das habilidades sociais: terapia, educação e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PRETTE, Z. A. P. del; PRETTE, A. del. *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

RASHEED, D. S.; BROWN, J. L.; DOYLE, S. L.; JENNINGS, P. A. The effect of teacher-child race/ethnicity matching and classroom diversity on children's socioemotional and

academic skills. *Child Development*, Chicago, v. 91, n. 3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1111/cdev.13275>. Disponível em: <https://srcd.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/cdev.13275>. Acesso em: 28 abr. 2022.

RIBEIRO, P. B.; SANTOS, R. A. dos. Diversidade étnico-racial e as interações sociais na educação infantil. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, SP, v. 11, n. 3, p. 985-1000, 2017. DOI: <https://doi.org/10.14244/198271991898>. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1898/652>. Acesso em: 28 abr. 2022.

VRIJDAGS, A. C.; FERNANDES, S. C. S. Introjeção de normas sociais e expressão indireta de preconceito em crianças. *Revista de Psicologia da IMED*, Passo Fundo, RS, v. 9, n. 2, p. 42-60, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i2.2026>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-50272017000200004. Acesso em: 28 abr. 2022.

WANG, I. W.; SUI, P. Y. Early gender differences in spatial and social skills and their relations to play and parental socialization in children from Hong Kong. *Archives of Sexual Behavior*, New York, v. 48, n. 5, p. 1589-1602, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10508-019-1415-8>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-019-1415-8>. Acesso em: 28 abr. 2022.